TL 5794

MENSAGEM DO FIM-DO-ANO

Timor-Leste vai encerrar um dos, quiçá, mais dramáticos séculos da sua história. O mais dramático, mas também o mais decisivo.

Um século em que 4 gerações consecutivas testemunharam 3 importantes e diferentes formas de rebelião a 3 diferentes tipos de dominação.

Ao findar do primeiro a 1ª metade do século, as memórias de Manufahi, em 1912, confundiam-se com a muito recente ocupação japonesa de 1942 a 1945. O último quarto de século, porém, foi prenhe de totalmente novos aspectos históricos, que provocaram o salto qualitativo necessário, inerente ao processo de evolução da nossa própria sociedade.

O Povo timorense chega, neste fim do século, a uma maturidade de valores, como consequência da compreensão exacta da sua identificação perante os tempos e perante os povos da área e perante a comunidade das nações.

Em súmula, o Povo de Timor-Leste realizou-se como povo, fazendo a sua própria história, numa epopeia singular, onde a fé e a determinação se combinaram com o arrojo e o sacrificio.

Hoje, estamos perante novos desafios, desafios que transportamos para o primeiro século do novo milénio. O maior desafio é chegarmos ao fim do ano 2000 com a satisfação de que cumprimos o nosso dever de defendeer os interesses nacionais e as legítimas aspirações do nosso Povo. E isto será pela rápida e eficiente preparação das nossas capacidades, que venha a perspectivar uma rápida afirmação da independência nacional.

O maior desafio é se podemos dar a justa resposta aos vários problemas que estão a surgir e surgirão ao longo do ano 2000.

Vamos identificar alguns problemas:

a) Assistência humanitária.

Há gente que pensa que somos ingratos, porque transmitimos em voz alta o que o nosso povo lamenta.

É esta a segunda vez na história do nosso Povo que ele tem que viver à custa da caridade internacional. A primeira foi nos anos 79 e 80, quando o exército indonésio controlou toda a população que até à altura estava a resistir nas montanhas.

Hoje, com 44 ONG internacionais e, para nosso espanto, 39 ONG timorenses, os problemas de assistência humanitária continuam inultrapassaveis.

Estamos agradecidos á valiosa ajuda das ONGs internacionais que puderam evitar que mais pessoas morressem como está acontecendo.

De um donativo de 19 mil dolares, o CNRT já comprou arroz e o Presidium da juventude em breve irá, em coordenação com os responsaveis do CNRT, assistir às famílias mais necessitadas, às crianças e aos idosos sobretudo nos distritos de Suai, Maliana, Same e Manatuto.

Continuamos à espera de outras iniciativas, de todos quantos acreditem no CNRT, para que possamos diminuir o fardo das ONGs que muito se esforçam por ajudar a população esfomeada.

Apelo aos Grupos de Solidariedade por Timor-Leste e às comunidades timorenses no exterior para angariarem fundos para esse efeito e o CNRT mobilizará a juventude e as Mulheres para a distribuição às famílias mais necessitadas no interior.

A estratégia do CNRT para acabar com a dependência a ajuda alimentar está virada na aquisição de tractores e outros instrumentos agrícolas. O CNRT tudo fará para, em acordos bi-laterais com Governos, se conseguir a implementação desta estratégia e, em Março do ano 2001, todo o timorense terá 3 refeições por dia.

O antigo Governador de Macau, General Rocha Vieira, ofereceu 1 milhão de dólares e o CNRT já vai receber dentro em breve 5 tractores grandes, 20 tractores pequenos e 200 moto-cultivadoras, que vao ser distribuidos aos distritos.

No Parlamento Europeu, no encontro com as diversas comissões, apelei a todos para considerarem que o CNRT é a entidade política, legitimada pelo resultado da consulta popular de 30 de Agosto, e que têm responsabilidades próprias, agora na transição e sobretudo na independência. Há necessidade que governos e instituições comecem a olhar o CNRT para o depois da transição, porque se ninguém acreditar no CNRT, isto só significará que a administração transitória da ONU vai ter que durar por mais de 10 anos.

Em Tokio, os contactos foram mantidos nesta ordem e tenho a alegria de informar que o governo da Suecia já dispôs quatro milhões de dolares para este efeito. Hoje mesmo recebi um telefonema do embaixador norueguês em Jacarta, um grande amigo pessoal e de Timor-Leste, que me informou que o governo de Noruega vai conceder outros tantos milhões e que o governo de Canadá também vai conceder um milhão de dólares que serão aplicados para a aquisação de tractores de diversos tamanhos, moto-cultivadoras, charruas, enxadas e picaretas que depois serão distribuidos a todos os distritos logo que chegarem.

b) Saude.

Nós sabemos, porque a população lamenta, que nalguns distritos a assistência sanitária é muito precária. Por outro lado, sabemos também que os medicamentos ocidentais não são apropriadas ao organismo do timorense.

O CNRT recebeu 20 mil dólares de amigos da solidariedade de Canadá e iremos investir este dinheiro para a compra de medicamentos na Indonésia para ajudar a população dos lugares mais remotos da nossa Pátria, com a mobilização dos nossos enfermeiros.

O nosso problema é não poder distribuir ainda motorizadas aos enfermeiros, no mínimo por distrito, para que a campanha de assistência à população seja eficaz.

Iremos continuar a trabalhar no sentido de sensibilizar instituições e governos para obtermos este tipo de apoio.

c) **Serviços públicos.**

È um tema que já muitos conhecem e que potencia conflitos sociais, de cariz político.

Durante 24 anos, estivemos unidos num objectivo comum, o da independência para a nossa Pátria. A consulta popular foi a afirmação desta unidade de objectivo.

Hoje, apareceu um novo fenómeno, natural e inerente ao processo. Depois da unidade, necessária, vêm à superficie as diferenças e é este o momento crucial dos conflitos de interesses.

Há o conflito de cariz puramente político que revela quando se fala de que funcionários da administração indonésia podem ser aproveitados na nova administração.

Há o conflito de cariz social, que surge quando se pensa que técnicos timorenses, formados no exterior, virão ocupar todos os lugares da administração em detrimento dos do interior.

Há o conflito de cariz também político quando se aborda o problema de que para a nova administração só vai recrutar por critérios de ordem técnica e profissional, ficando os quadros da resistência clandestina que não tenham tido oportunidade de trabalho, sem perspectivas de emprego.

Há o conflito entre os formados na Indonésia, em bahasa Indonésia, e outros que não falam bahasa Indonésia.

È esta complexidade de conflitos que o CNRT tem que solucionar. Mas devo afirmar aqui a política do CNRT. Se tivessemos que satisfazer a todos, poderíamos ter cerca de 30 mil funcionários públicos. Seria facil ou seria esta a solução?

Todos ficamos satisfeitos com o resultado de Tokio, onde as previsões eram de pouco mais de 300 milhões e o donativo dos paises doadores foi de 522 milhões, para 3 anos. Desta soma, só 30 milhões estão destinados ao pagamento dos salários e o resto para ajudas humanitárias, reconstrução e desenvolvimento.

A verba para pagamento de salários deve ser suportada pelos cofres da administração transitória e, na independência, pelos cofres do governo, provenientes das receitas dos impostos e taxas.

Devemos ter uma política correcta neste campo. Devemos pensar que o que podemos pagar com a ajuda internacional, deveremos poder suportar durante a independência.

Hoje é apenas ajuda. Na independência, serão empréstimos que teremos que poder pagar para não escorregarmos para as dívidas que provocarão mais sofrimentos ao nosso povo.

Assim, a política do CNRT quanto ao funcionalismo público é de "pequeno mas altamente eficiente."

E quero recordar que no cálculo da verba dos 30 milhões para pagar o funcionalismo público, 15 milhões deverão ser suportados pelas receitas que, no ano 2000, serão cobradas das taxas e impostos.

d) Sector privado.

Ser funcionário público não é tudo. E o novo funcionalismo que queremos criar deve ser um aparelho puramente tecnico e profissional, sem a doença da corrupção e do nepotismo.

O CNRT está preocupado com a falta de oportunidade de trabalho para todos. Assim, o CNRT vai incentivar o sector privado, vai defender a preferência que se deve dar a iniciativas privadas timorenses, em pequenos e médios empreendimentos.

A nossa sociedade pode, assim, perceber que o funcionalismo não é a única fonte de trabalho.

A roda da economia nacional basear-se-á no sector privado, são e competitivo.

O CNRT está a estudar a viabilidade da criação de um banco timorense, para créditos a agro-bisnis, à pecuária, à pesca e a outros tipos de actividade comercial.

e) Educação.

Eu sei que estou a entrar numa matéria controversial. Eu sei que os jovens universitários têm uma opção à lingua indonésia ou ao inglês.

Se Portugal não tivesse ficado aqui, em Timor, durante a Guerra travada contra os Holandeses, Timor-Leste não seria independente e seriamos apenas parte da provincia do NTT. Não teriamos sofrido tanto, os jovens não teriam morrido tanto, porque já todos éramos indonésios.

O que nos garantiu uma identidade histórica, cultural; política e religiosa, foi a presença portuguesa até 1974. Que o bahasa seja uma lingua a ser estudada, porque não? Mas que o bahasa substitua o português é ir contra a própria identidade, que nos permitiu ser povo diferente do povo indonésio.

Utilizar como argumento que inglês é lingua internacional e deveria ser a nossa lingua oficial é não saber colocar os problemas. Outros jovens até disseram que, porque há agora muitos estrangeiros, deveriamos adoptar o inglês, quando deveriam pensar que a existência de muitos estrangeiros dá uma fonte de receita aos interpretes. Apenas isto!

O português constitui um património cultural numa comunidade de nações de ..... centenas de milhões de pessoas. O português será a nossa lingua oficial, até que, daqui a uns 5 a 10 anoss, o tetum seja modernizado para ser uma lingua que possa capacitar-se à explicaçâo da era moderna.

O CNRT acredita que, durante o ano 2000, o ensino não será ainda formalizado. O Departamento de Educação e Cultura está a estudar e definir o curriculum para o ano lectivo 2000-2001.

Entretanto, o Responsavel do Departamento já se deslocou a Portugal e vao chegar não só material escolar como professores para atender às actuais necessidades do ensino formal.

No campo do ensino, o departamento está a estudar o problema das bolsas de estudo. Há planos de reciclagem de profissionais, estágios para os formados, cursos médios professionais e, no futuro, a formação profissional orientada a preencher as necessidades da Pátria.

Iremos devagar, sem dúvida, o CNRT de certeza não vai abrir as Universidades já amanhâ, as escolas de formação profissional no dia seguinte. Mas o projecto da contrução nacional faz parte do projecto de formação e capacitação dos recursos humanos.

E o CNRT tem plena consciência disso.

Segurança.

Eu sei que continua a haver grupos que desrespeitam as pessoas e os bens das pessoas. Os muitos apelos até agora não deram um resultado que assegure tranquilidade às pessoas.

O CNRT pensa que estes grupos têm o propósito de criar instabilidade e provocar o descredito para com o CNRT, os dirigentes e para com as Falintil. As vezes, estes grupos valem-se da presença de Interfet onde vão apresentar as queixas, colocando o CNRT ou as Falintil em posição embaraçosa.

Quero lembrar a estes grupos que Interfet vai já dentro de um mês e a policia comecará a trabalhar dentro em breve. Entretanto, o CNRT vai tomar serias medidas para com os grupos que estão a actuar, talvez sob ordem dos militares indonésios ou da inteligência indonésia.

A organização da juventude e da segurança popular nos bairros têm ordem para detêr todos os elementos que provocarem disturbios e alimentarem o clima de insegurança às pessoas.

Temos cela na sede do CNRT onde estes elementos ficarão para serem utilizados na limpeza a toda a cidade de Díli. Apelo à população para se por vigilante a estas manobras do inimigo da paz e da tranquilidade.

Finalmente, quero recordar a todos que uma das prioridades do CNRT será a criação de uma sociedade civil forte e democratica, e este encontro para marcar a passagem ao novo milénio deve continuamente inspirar-nos para a construção da harmonia e fraternidade entre timorenses.

O tema da reconciliação vai ainda por muito tempo preencher os nossos actos e pensamentos. O CNRT vai também continuamente tentar acomodar o conceito da justiça e do perdão. O que é necessário é que tenhamos a alma suficientemente grande para perdoarmos. Timor-Leste é de todos os seus filhos e é necessário que todos os seus filhos se juntem de mãos dadas para construirmos juntos a nova nação, democratica e justa.

Dili, 31 de Dezembro de 1999